

a doação de sangue realizadas nas escolas de ensino médio do município, houve aumento considerável nas doações entre adolescentes, quando comparado a números anteriores a junho de 2022 que eram apenas de 24 doadores, e que após esse período ocorreu aumento para 343. Em relação as reações vasovagais, o índice de 5,7% ficou acima da média nos estudos realizados com público jovem (2,8%). **Conclusão:** O estudo permitiu descrever o perfil dos doadores de sangue entre com idade de 16 e 17 anos, com predomínio do sexo feminino, de reposição e de 1ª vez. Constatou-se também que houve aumento no número das doações de sangue com o passar dos meses. Desta forma, conclui-se que a inclusão dos adolescentes no grupo assíduo de doadores de sangue e mecanismos de conscientização são imprescindíveis para a fidelização dos mesmos, e com isso manter os estoques de sangue.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1264>

PREVALÊNCIA DO TRAÇO FALCIFORME EM DOADORES DE SANGUE E A RECORRÊNCIA DA DOAÇÃO EM BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

ALC Moraes^a, BC Prinz^a, CT Delamain^a, CT Delamain^b, CT Matos^c, PC Gontijo^{a,c}, MT Delamain^{a,c}

^a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Faculdade de Medicina Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil

^c Vita Hemoterapia – Grupo Pulsa, Belo Horizonte, MG, Brasil

Objetivos: Estimar a prevalência do traço falciforme (HbAS) na população de doadores de sangue de Belo Horizonte e analisar a recorrência das doações. **Material e métodos:** Entre janeiro de 2022 a dezembro de 2023 foram incluídos no estudo 48361 doadores de sangue saudáveis e aptos, submetidos a triagem clínica e laboratorial para a pesquisa de Hemoglobina S, empregando-se a técnica de solubilidade com tampão ditio-nito de sódio. Após a identificação destes doadores portadores de AS, foi realizada a análise da doação de repetição destes doadores no respectivo período. **Resultados:** Do total de 48361 doadores analisados, 53% homens e 47% mulheres, sendo que 48,5% destes doadores apresentaram idade entre 18 e 49 anos. Deste montante 23854 (49,3%) doadores foram considerados doadores de 1 vez, 13529 (27,9%) esporádicos e 10979 (22,7%) doadores de repetição. Identificamos 934 doadores HbAS que correspondem a 1,93% da população analisada. Dentre os doadores HbAS, apenas 134 indivíduos (14%) retornaram ao banco de sangue para nova doação no período analisado. **Discussão:** A identificação da Hemoglobina S é obrigatória e faz-se necessário a comunicação do resultado ao doador. No Brasil, estudos demonstram que esta prevalência pode variar de 0,43% a 9,80%, dependendo da região analisada, o que confere concordância com nossos achados. A porcentagem de doadores HbS de repetição é similar quando comparamos com a

população de doadores global. **Conclusão:** A presença do traço falcêmico não é uma contraindicação para a doação de sangue e estes indivíduos devem receber as devidas orientações sobre sua condição para continuarem como doadores ativos. A compreensão da prevalência da HbS em doadores de sangue é importante para o delineamento e melhor direcionamento do hemocomponente coletado. Ações voltadas para os doadores portadores de HbS são necessárias visando maiores esclarecimentos acerca da doação de sangue para esta população.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1265>

TRAÇO FALCIFORME, DOAÇÃO DE SANGUE E QUALIDADE DOS HEMOCOMPONENTES: UMA REVISÃO DE ESCOPO

TAS Santos^a, M Addas-Carvalho^b

^a Fundação Hemominas (FH), Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Centro de Hematologia e Hemoterapia da Unicamp (Hemocentro Unicamp), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil

Objetivos: O traço falciforme (TF) caracteriza indivíduos que apresentam o estado heterozigoto para a hemoglobina S (HbAS). Mesmo considerado uma condição benigna, existem relatos de morte súbita, alterações renais, doença tromboembólica, infarto esplênico e complicações maternas e fetais em seus portadores. Por se tratar de uma condição assintomática os portadores de TF são considerados elegíveis para a doação de sangue. Há algumas restrições quanto ao uso dos concentrados de hemácias (CH) contendo HbS e problemas relacionados ao bloqueio do filtro de leucócitos. O presente estudo é uma revisão de escopo que tem como objetivo avaliar a doação de sangue em portadores de TF e o uso de CH obtidos destas doações. **Material e métodos:** A revisão foi conduzida a partir das orientações do JBI e da extensão do PRISMA para revisões de escopo (PRISMA-ScR). Os critérios de inclusão para esta revisão seguiram o mnemônico PCC, tendo como população o TF, como conceito a qualidade e restrição do uso de CH, no contexto da doação de sangue. Foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed e Embase. Não houve restrição de data, país ou tipo de estudo e o processo de seleção foi realizado por pares. **Resultados:** A busca identificou 160 estudos e 35 foram elegíveis para a revisão. Os estudos identificados foram publicados entre 1974 e 2023, a maior parte eram estudos comparativos e transversais, realizados principalmente nos EUA e Brasil. Os artigos selecionados foram agrupados de acordo com seu tema principal em subtemas: prevalência e método (37,1%), impacto da qualidade de CH (31,4%) e filtração/desleucocitação (31,4%). Em prevalência e método os estudos abordaram a prevalência de TF em doadores de sangue e na população geral. No impacto na qualidade de CH foram estudados condições de armazenamento, impactos hematológicos e bioquímicos e reações transfusionais relacionadas a CH coletados de doadores com TF. No subtema filtração foram identificados artigos que verificaram informações de desempenho destes procedimento realizados

em CH de doadores com TF. **Discussão:** A maior parte dos doadores de sangue não conhece seu status falciforme e sua prevalência está relacionada a afro-descendência. Não existe consenso sobre testes de triagem laboratorial para triagem de HbS em doadores de sangue. Estudos não recomendam a inaptidão de candidatos com TF, pois pode comprometer o abastecimento de CH com fenótipos raros. Estudos demonstraram alterações físicas e bioquímicas no armazenamento de CH contendo HbS, principalmente relacionados a rigidez das hemácias e episódios de falcização. Problemas na desleucocitação nesta situação estão associados a bloqueio de filtros e resultado final inadequado, além disso fatores como temperatura e tempo de armazenamento, pH, osmolaridade, saturação de oxigênio e tipo de anticoagulante podem interferir neste processo. **Conclusão:** Foram identificadas lacunas na literatura quanto ao processo da doação de sangue em doadores TF e possíveis eventos adversos e repercussão clínica, assim como restrições do uso de seus CH. Sugerimos estudos que abordem os efeitos da doação de sangue nos portadores de HbS e as possíveis implicações clínicas da transfusão destes CH.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1266>

PREVALÊNCIA DE DOADORES COM TRAÇO FALCIFORME E OS ESFORÇOS PARA ORIENTAÇÃO E ACONSELHAMENTO GENÉTICO

CSR Araujo ^{a,b}, JS Palaoro ^b, BA Machado ^b,
MA Croce ^a, JH Rodrigues ^a, KR Tirloni ^a,
MG Altafini ^a, GM Schmidt ^a, GED Pizzol ^b

^a Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil

^b Hospital São Vicente de Paulo - Serviço de Hemoterapia, Passo Fundo, RS, Brasil

Objetivos: Determinar a prevalência de doadores com traço falciforme e avaliar os esforços de orientação para o aconselhamento genético. **Material e métodos:** Foram analisados todos os doadores de sangue com resultado qualitativo positivo no teste da mancha e confirmados pelo teste quantitativo por eletroforese de hemoglobina no Serviço de Hemoterapia do Hospital São Vicente de Paulo (SHHSVP), de Passo Fundo/RS, entre março de 2011 e dezembro de 2020. **Resultados:** Dos 99.149 doadores de sangue no período analisado, 305 eram portadores de traço falciforme, indicando uma prevalência de 0,31% da população amostrada. Destes, 177 (58,03%) do sexo masculino e 128 (41,96%) do sexo feminino, 55 (18,03%) se autodeclararam pardos, 30 (9,83%) negros e 220 (72,13%) brancos. A maior parte destes doadores (89,2%; n=272) eram naturais do estado do Rio Grande do Sul, sendo Passo Fundo, o município mais representativo (28,2%; n=86), dentre outros 78 municípios. Dos 305 doadores com traço falciforme, o quantitativo de 119 (39,02%) retornaram ao serviço para doação. Destes que retornaram, 97 (81,51%) continuaram doando sangue total e 22 (18,49%) se tornaram doadores de plaquetas por aférese. **Discussão:** A prevalência de doadores com traço falciforme no grupo estudado foi de 0,31% em outro

estudo com doadores de sangue de Caxias do Sul/RS referiu prevalência de 0,99%. Em relação ao sexo, houve diferença, contudo a alteração genética não está ligada a tal condição e apesar da doença falciforme ser predominante em negros e pardos, nosso estudo demonstrou prevalência em brancos, dado que sofre interferência da autodeclaração racial e da predominância europeia da região. A presença de traço falciforme apresenta um padrão genético de heterozigose que não produz manifestações clínicas de doença falciforme, e assim, os indivíduos portadores são geralmente assintomáticos e aptos para doar sangue. A transfusão dos concentrados de hemácias de portadores de traço falciformes não é indicada para determinados diagnósticos, além de que, os mesmos não devem ser submetidos à leucorredução (Portaria de Consolidação N°5, 2017). O SHHSVP realiza a leucorredução de todos os hemocomponentes transfundidos, desta forma, no momento do aconselhamento genético o hemoterapeuta orienta sobre sua condição e oferta a possibilidade de seguir doando através da doação de plaquetas automatizada, levando ao aproveitamento total da doação em nosso serviço. **Conclusão:** A investigação de traço falciforme e a rastreabilidade melhora a eficácia terapêutica das transfusões, leva a identificação de doadores que não realizaram a triagem neonatal e possibilita o fornecimento de aconselhamento genético, o que beneficia tanto receptores quanto doadores, pois através da orientação é possível sensibilizar e educar os doadores sobre a importância da aférese, contribuindo para a manutenção das doações, garantindo a segurança e a qualidade do sangue coletado.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1267>

DETECÇÃO DE CASOS DE HANSENÍASE EM DOADORES DE SANGUE INAPTOS DA FUNDAÇÃO CENTRO DE HEMOTERAPIA E HEMATOLOGIA DO PARÁ

EVO Jorge ^{a,b,c}, AR Gobbo ^b, MB Silva ^b,
RC Bouth ^b, SM Silva ^b, PF Costa ^b, JG Barreto ^{b,d},
JS Spencer ^e, MP Koury ^c, CG Salgado ^{a,b}

^a Unidade de Referência Especializada Dr. Marcelo Candia, Marituba, PA, Brasil

^b Laboratório de Dermato-Imunologia, Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

^c Centro de Hemoterapia e Hematologia do Estado do Pará (HEMOPA), Belém, PA, Brasil

^d Laboratório de Epidemiologia Espacial, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

^e Department of Microbiology, Immunology and Pathology, Colorado, EUA

Objetivo: A hanseníase é uma doença infecciosa que afeta população, constituindo um problema de saúde pública no mundo, no qual o Brasil ocupa o segundo lugar na escala global. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo detectar os casos de hanseníase nos doadores inaptos da fundação HEMOPA. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal,